

Prefácio 1ª Edição

Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GOMES, MAAF. Prefácio 1ª Edição. In: PINHEIRO, EP. *Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)* [online]. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 15-19. ISBN 978-85-232-1191-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Prefácio 1ª Edição

Caminhos da Construção do *Urbanismo no Brasil*

Discutindo as relações entre a reforma de Paris desenvolvida pelo Barão Haussmann em meados do século XIX, a reforma capitaneada por Pereira Passos no Rio de Janeiro, no início do século XX, e aquela ocorrida em Salvador durante a primeira gestão do Governador José Joaquim Seabra (1912-1916), Eloísa Petti Pinheiro aprofunda um aspecto sobre o qual a bibliografia brasileira tem recorrentemente aludido, embora com pouco desenvolvimento na demonstração das possíveis relações entre essas operações. Ao fazê-lo, ela não apenas enriquece nossa bibliografia, com uma perspectiva comparada ainda pouco usual na historiografia brasileira, sobre a cidade e o urbanismo, como nos mostra também as complexas relações entre a nascente cultura urbanística brasileira e a experiência parisiense que, embora sem nunca ter sido teorizada, brilha mais do que qualquer outra como a inspiração – mais ou menos próxima, mais ou menos longínqua – de um grande número de intervenções mundo afora.

Europa, França e Bahia situa-se entre duas vertentes de pesquisa que se desenvolvem com muita nitidez no Brasil desde o final dos anos 1980: a dos estudos sobre o processo de modernização das cidades brasileiras e aquela sobre a constituição de um pensamento e de uma prática urbanística

no país. Para além da meticulosa comparação entre o que move, o que explica, o que inspira e a maneira como acontece cada uma das intervenções que ela estuda, assinalando o que as aproxima e o que as afasta, o estudo de Eloísa Petti Pinheiro oferece-nos a oportunidade de refletir sobre aspectos ou questões ainda relativamente pouco trabalhados pela historiografia brasileira, como é o caso dos caminhos de constituição de uma cultura técnica no Brasil.

A cidade europeia sempre inspirou criações urbanas na América, tanto ao Norte quanto ao Sul, desde os primórdios da colonização, num processo que ganha nova dimensão quando coincidem a emergência do urbanismo como disciplina autônoma e o apogeu do imperialismo. Uma série de trabalhos, desenvolvidos, sobretudo no exterior, vem discutindo os mecanismos dessa transferência e da adaptação de modelos estrangeiros fora dos seus contextos originais, revelando-nos a plasticidade e a adaptabilidade dessas transposições, bem como os instrumentos que as viabilizam.¹ Apesar da influência haussmanniana poder ser relativizada no caso do Rio e, sobretudo, no caso de Salvador, ela ocupa um papel fundamental na formação, no Brasil, de uma cultura técnica relativa à cidade, entre a 2ª. metade do século XIX e as 1ª.s décadas do século XX. Mais do que um modelo, como demonstra Eloísa, ela é referência e fonte de inspiração que se manifesta de diversas maneiras. Uma delas – seguindo a argumentação de Antoine Picon – parece ter sido talvez mais importante do que a reforma propriamente dita, referindo-se ao tipo de conhecimento técnico que estava se desenvolvendo naquele momento e que dispunha das transformações em curso na cidade de Paris como de um privilegiado laboratório de experiências.²

Integrantes da elite intelectual brasileira, engenheiros e arquitetos situavam-se na órbita da cultura francesa, que moldava sua visão de mundo e suas abordagens profissionais de diversas maneiras: do ensino calcado em moldes franceses, em sua maior parte, e do acesso a uma bibliografia técnica, cujos avanços eram seguidos bastante de perto, às visitas a Paris que formavam e atualizavam o repertório técnico desses profissionais. Se técnicos daqui acorriam a Paris em busca de formação e de referências, os de lá encontravam aqui possibilidades de atuação profissional e de experimentação de suas ideias, além de reconhecimento oficial, numa série de presenças que, em momentos distintos e com inserções variadas, participaram de experiências essenciais da história do urbanismo brasileiro entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, como a construção de Belo Horizonte ou os grandes debates sobre a modernização do Rio nos anos 20 e 30, quando da presença no Brasil de Agache e Le Corbusier. Apenas atendo-nos ao período

¹ Ver, p. ex., os diversos textos publicados em COQUERY-VIDROVITCH, Catherine; GOERG, Odile (Org.). *La ville européenne outre mers: un modèle conquérant?* Paris: L'Harmattan, 1996, e, em particular, o de Odile Goerg e Chantal Chanson-Jabeur.

² PICON, Antoine. Racionalidade técnica e utopia: a gênese da haussmannização. In: SALGUEIRO, Heliana Angotti (Org.). *Cidades capitais do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 65-101.

estudado por Eloísa e à experiência haussmanniana, vale a pena lembrar a presença de Bouvard, que chega ao Brasil em 1911, radicando-se por algum tempo em São Paulo, após ter trabalhado no serviço de arquitetura da administração parisiense justamente no momento de consolidação da reforma de Haussmann. Ou ainda a de Paul Villon, discípulo e colaborador de Alphand, engenheiro politécnico responsável pelos parques e jardins e pela arborização de Paris durante a reforma haussmanniana, e que, depois de trabalhar com Glaziou no Rio de Janeiro, participa de importantes projetos durante a construção de Belo Horizonte, como o do Parque Municipal, inspirado nos parques parisienses criados por Haussmann.

Se a influência francesa, de uma maneira geral, e a da Paris haussmanniana, em particular, foram referência essencial na formação da cultura técnica brasileira, podemos perceber, por outro lado, que a este lastro irão incorporar-se outras referências, num processo complexo onde articulam-se aportes de diversas naturezas e origens, ajudando a configurar intervenções em nossas cidades, a moldar o perfil de instituições de ensino ou a estruturar o pensamento de nossos urbanistas. Bons exemplos deste processo complexo de delineamento de paradigmas não faltam, como demonstram a própria construção de Belo Horizonte;³ a estruturação do ensino politécnico em São Paulo, onde o paradigma da formação francesa parece ceder lugar ao modelo germânico; ou ainda, a diversidade das referências teóricas e práticas de que lançavam mão técnicos como o engenheiro Saturnino de Brito em seu pioneiro trabalho em diversas cidades brasileiras.⁴

O estudo dos processos de construção da disciplina no Brasil e dos mecanismos de difusão e de reelaboração das ideias que a configuraram revela-nos seus complexos e polimórficos caminhos, num processo no qual parecem se inter-relacionar, na estruturação do pensamento de um determinado autor ou no delineamento de uma determinada intervenção, diferentes formas de ver a cidade e de propostas de como nela intervir. No período que fecha o trabalho de Eloísa, quando ela se refere às propostas de Agache e de Le Corbusier para o Rio de Janeiro, ou à pioneira ação do Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador (EPUCS), é possível percebermos como esses dois momentos – o das tensões pela consolidação do Movimento Moderno no país e o da estruturação de uma experiência que marcou a história do urbanismo em Salvador – revelam os meandros do processo acima mencionado. O primeiro desses momentos mostra-nos como o urbanismo modernista brasileiro parece incluir tanto adesões claras e extremamente afinadas com o pensamento corbuseano, como nos casos de Affonso Eduardo

³ GOMES, Marco Aurélio A. de Figueiras; LIMA, Fábio José Martins de. Pensamento e prática urbanística em Belo Horizonte, 1895-1961. In: LEME, Maria Cristina da Silva. *Urbanismo no Brasil, 1895-1965*. São Paulo: Nobel, 1999, p. 121.

⁴ Cf., p.ex., os trabalhos de Carlos Roberto Monteiro de Andrade sobre Saturnino de Brito e Camillo Sitte.

Reidy e de Lúcio Costa (o que não exclui, evidentemente, a riqueza da contribuição e das interpretações individuais desses arquitetos), quanto situações em que a incorporação parcial de ideias defendidas pelo Movimento Moderno trabalhava articuladamente a outras formas de compreensão da cidade e de premissas para a intervenção, configurando aproximações diversas, parciais, fragmentárias do ideário propagado pelos CIAMs, em aliança com outras tendências.⁵ É o que nos mostram casos como o de Adalberto Szilard que, no Rio de Janeiro dos anos 40 e 50, vai tentar conciliar e estabelecer uma síntese entre propostas tão diversas quanto as de Le Corbusier, Saarinen, Bardet, Wright ou Hegermann, em busca de um referencial para a intervenção na cidade existente;⁶ ou o caso, igualmente revelador, de Antonio Baltar que, no Recife, vai beber tanto na fonte do movimento Economia e Humanismo, liderado pelo Padre Lebrecht, quanto nos ensinamentos do CIAM;⁷ ou ainda, o do então jovem arquiteto Rino Levi que, nos anos 20, busca estruturar um pensamento crítico com relação à cidade brasileira a partir de uma leitura das ideias corbuseanas, dos princípios da *Edilizia cittadina*, de Piacentini, e dos ensinamentos de Gustavo Giovannoni sobre arte e técnica.⁸ Quanto ao processo de planejamento utilizado pelo EPUCS e sua proposta para Salvador, pode-se perceber, ao lado de alguns aspectos da Cidade Radiosa, de Le Corbusier, como a de uma grande estação de transbordo central; uma forte presença do pensamento de Geddes, através da preocupação com um extenso *survey* sobre as condições gerais da cidade; do de Burgess, através da formulação centrada na cidade mononuclear e concêntrica; e do de Hénard, no que diz respeito à lógica radioconcêntrica.⁹

Além de contribuir para o nosso conhecimento sobre os mecanismos de transferência das ideias constitutivas da disciplina, este livro nos permite ainda refletir sobre como o urbanismo insere-se no quadro mais amplo das questões culturais no Brasil. Apesar de as intervenções ocorridas no primeiro ciclo de modernização de nossas cidades buscarem readequar o espaço urbano às exigências de uma nova realidade econômica (como expressam com clareza as reformas portuárias ou a reestruturação viária propiciada pelos novos meios de transporte em função do desenvolvimento da indústria), é fácil perceber como a estética urbana acaba tornando-se elemento central no projeto de inserção do Brasil no mundo ocidental e no concerto das chamadas “nações civilizadas”. É um pouco como se, na falta de mudanças estruturais que, em outros países, caracterizaram o processo de modernização urbana, o “mimetismo formal” pudesse criar a almejada mudança na imagem do país que desejava emergir como parte integrante do mundo ocidental e civilizado.

⁵ Cf. GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras; LIMA, Fábio José Martins de. Urbanismo modernista no Brasil: revisitando suas articulações internacionais. Comunicação apresentada no IV Seminário DOCOMOMOMO Brasil. Viçosa; Cataguases, 30/10 a 03/11/2001.

⁶ REZENDE, Vera F. O urbanismo modernista na Cidade do Rio de Janeiro: ideias, projetos e realizações. Comunicação apresentada no IV Seminário DOCOMOMOMO Brasil. Viçosa; Cataguases, 30/10 a 03/11/2001.

⁷ PONTUAL, Virgínia. A cidade e o bem comum: o engenheiro Antônio Bezerra Baltar no Recife dos anos 50. In: IX Encontro Nacional da ANPUR, 2001, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2001, v. 2, p.797-809.

⁸ Cf. ANELLI, Renato. Arquitetura e cidade na obra de Rino Levi. In: V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. 1998, Campinas. *Anais...* Campinas: PUC, 1998. 1 CD

⁹ FERNANDES, Ana; SAMPAIO, Heliódório; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. A constituição do urbanismo moderno na Bahia (1900-1960). In: CARDOSO, Luiz Antonio Fernandes; OLIVEIRA, Olívia Fernandes de (Org.). *(Re)Discutindo o modernismo: universalidade e diversidade do Movimento Moderno em Arquitetura e Urbanismo no Brasil*. Salvador: Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1997. p. 201-213.

Neste sentido, se a cidade europeia, seus traçados, suas formas de gestão e sua arquitetura sempre foram importantes referências para a cidade brasileira, cabe indagarmos sobre os momentos em que vozes, sem dúvida desafinadas com relação ao pensamento dominante, tentaram conceber as cidades brasileiras a partir de uma identidade diferente daquela fornecida pelo mimetismo com a Europa desenvolvida. No primeiro ciclo de modernização urbana esta questão não se colocava. A palavra de ordem era a negação do passado e a substituição de tudo aquilo que pudesse ter alguma relação com a herança colonial, escravista ou negra, quer esta se manifestasse através da arquitetura, do desenho urbano ou dos hábitos dos cidadãos. O embate, iniciado nos anos 30, em torno da querela “antigo versus moderno”, opondo os higienistas e os “progressistas” a todo custo, em sua sanha destruidora, aos “regionalistas”, preocupados em defender uma herança que começava a ser valorizada, pode ser considerado uma referência no questionamento da inexorabilidade das transformações impostas às cidades brasileiras, ainda que, muitas vezes, tais posições viessem marcadas pelo conservadorismo. Numa perspectiva totalmente diferente, vale a pena fazer uma outra referência a Rino Levi, desta vez a propósito de seu famoso manifesto publicado n’ *O Estado de São Paulo*, em 1925, no qual ele defendia a necessidade de se conceber cidades “...com alma brasileira”, com “...um caráter diferente das da Europa”. São apenas alguns exemplos que nos lembram que, na história do urbanismo, o estudo da polifonia a partir da qual a disciplina se construiu, deve sempre vir acompanhado pela preocupação com as dissonâncias...

Dentre muitas outras, estas são apenas algumas das questões que este livro, que tenho o privilégio e a profunda satisfação de apresentar, virá, em muito boa hora, nos ajudar a discutir.

Marco Aurélio A. de Filgueiras Gomes

Prof. Titular da Faculdade de Arquitetura da UFBA